

## **AFINAL, O QUE QUEREM AS MULHERES? APROPRIAÇÕES E RESSIGNIFICAÇÕES DAS IDEIAS E DAS TEORIAS DE FREUD NA TV**

Andressa Barbosa da Silva – PIBID-CAPES/UEG e PVIC/UEG

**Resumo:** A proposta de comunicação que aqui se apresenta faz parte do Projeto de Pesquisa intitulado E da TV se fez cinema, teatro, pintura: A estética educativa de Luiz Fernando Carvalho & Outras Histórias, coordenado pela professora Michelle dos Santos. O plano de trabalho que pretendemos desenvolver tem como centro de investigação a minissérie *Afinal, o que querem as mulheres?* (2010), do diretor de cinema e televisão carioca Luiz Fernando Carvalho (LFC), e a indústria cultural contemporânea. A partir dessa obra audiovisual esmiuçaremos os usos e os abusos que as artes pop fizeram da psicanálise e da psiquiatria. Para tanto será necessário estabelecer relações entre a referida minissérie, o filme *Um método perigoso* (2011), de David Cronenberg; a biografia em quadrinhos de Freud (2012), de Corinne Maier, com os traços inspirados na Viena dos anos 1920, de Anne Simon, e o guia de Richard Appignanesi e Oscar Zarate intitulado *Entendendo Freud: uma história ilustrada do pai da Psicanálise* (2012). *Afinal, o que querem as mulheres?*, como as demais produções, problematiza aspectos da vida atual, fazendo uso da teoria freudiana em uma narrativa na qual se percebe a presença da massificação de suas ideias e de seus conceitos-chave. De que forma tais diretores e autores apresentam Freud (como personagem e como pensador que, por exemplo, inspirou a criação do roteiro da série)?

**Palavras-chave:** Freud; indústria cultural; TV.

Na minissérie *Afinal, o que querem as mulheres?* (2010), o diretor (LFC) esboça seu roteiro original a partir da pergunta do psicanalista Freud, que se torna um personagem da trama. Para não tratar o tema da psicanálise de forma excessivamente acadêmica é introduzido um boneco animado em stop motion. A animação foi feita por César Coelho e Luciano do Amaral e o personagem é o principal conselheiro do protagonista, André Newman (Michel Melamed) e se faz presente aos olhos confusos do jovem em diversas situações inusitadas. Subvertendo seu enredo ele conta a travessia da relação de um homem com seu objeto de desejo, com o amor, seus afetos e a representação do feminino no imaginário masculino que parece sempre o devorar.

Tudo leva a crer que diante de tal obra os telespectadores inicialmente orientam seus *horizontes de expectativas*<sup>8</sup> para um realismo maniqueísta, e se depara com o artificialismo do stop motion, com a meta-temporalidade dos acontecimentos, com uma versatilidade narrativa que encaminha para a problematização dos clichês cheios de formulas e certezas. Propondo não uma resposta pronta para o querer feminino ou uma definição de gênero, mas o grande vazio que qualquer modelo oficial – amoroso ou não – permite ser constatado na modernidade, a variedade de camadas que o texto trás consigo possibilita a ancestralidade como categoria produtiva no universo

<sup>8</sup> Cf. KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuições à semântica dos tempos históricos*.

da cultura e isto se situa no espaço da estética teatral e metaficcional que reverenda um verdadeiro culto ao artifício.

A pergunta feita por Freud à Marie Bonaparte, "Afinal, o que querem as mulheres?", até hoje não foi respondida. A questão virou ponto de partida e título da série, na história, o personagem principal desenvolve uma tese e publica um livro com o tema que vira um grande sucesso. Mas, depois de tanto se dedicar a responder tal pergunta o protagonista vê seu casamento desandar. Ele compreende "todas as mulheres", exceto a mulher que é a grande paixão de sua vida.

André Newman (Michel Melamed) passa a maior parte do seu tempo se dedicando a concretizar a sua tese, que apresenta ser algo supérfluo, inicialmente sim, mas não se pode negar que apesar desta indagação já ter um século de permanência, não é a pergunta que é desnecessária, sem sentido, mas o sujeito que a faz. Porque no fundo tivemos que compreender as perguntas do passado e as respostas que foram dadas a ela, para elaborar novas perguntas, e é justamente isso que acontece na narrativa, há um pensamento de que será que somente as mulheres são complicadas, e aí revela-se para nós, expectadores, que de cinco em cinco minutos o ser humano deseja alguma coisa.

Outro personagem que por sinal é bem arquetípica que se desdobra em diversas facetas é a Celeste (Vera Fischer), Mãe de André. A mãe socialite despojada; a mãe sarada que malha; a mãe vidente que cultua principalmente seu filho; a mãe solteirona e bem-resolvida; e a mãe que não era atriz, mas se revelou uma diva do teatro. Ela se insere na trama como o primeiro amor de seu filho, quando tudo dá errado é para sua casa, é para o seu abraço que ele retorna. Como se a vida fora de seu eu fosse apenas uma experiência árdua e seu lado bom durasse somente alguns segundos, aqueles que se sente com a plenitude do ser, com o prazer do reconhecimento. Temos assim um caso edípico ou como quer Freud um complexo de Édipo, implícito na trama, que permeia toda a narrativa sem nos darmos conta da relação afetiva de mãe e filho que se apresenta de forma sutil, porque também é cômica, mas que deixa a entender sua existência.

Depois da separação de André e Lívia Monteiro (Paola Oliveira), ele conhece Tatiana Dovichenko (Bruna Linzmeyer), uma mulher que desnorteia seus sentidos, e apesar de sofrer pela antiga relação não resiste aos encantos da russa, que lida com seus desejos com uma liberdade e alegria comparada a de uma criança, que só tem compromisso com a diversão. Tatiana devora literatura russa e obras de dramaturgos como Dostoiévski com a mesma vivacidade que passa dias no quarto com André. Seus olhos dá impressão de uma calma, como se fosse vista pela primeira vez. Deste modo há uma fonte interna, ou uma pressão de excitação dentro de André que busca

alcançar o prazer, ou melhor, busca uma coisa ou uma pessoa para se satisfazer, este desejo é denominado por Freud de libido, e todos nascem com um desejo sexual básico.

Ainda desconcertado, mais uma reviravolta acontece com André. Sua vida e sua tese sobre os desejos femininos se transformam em um seriado de televisão estrelado por Rodrigo Santoro (Rodrigo Santoro), que neste caso representa ele mesmo. Podemos perceber que há uma mistura um tanto interessante de um seriado que se torna um seriado, uma ficção que dá conta, ou pelo menos tenta, de como é a preparação, os bastidores e principalmente dá ênfase no artificialismo.

Acontece deste modo o conflito entre o que é representação e o que é realidade, a aparência versus a verdade, André começa a se confrontar com sua própria vida, os limites entre “o acontecido” e “o que poderia ter sido”, entre o acaso e a intenção, ficam cada vez mais confusos para ele. Junto a isso, ele também precisa lidar com o fato de que sua ex-mulher, Livia, começou a namorar Jonas (Dan Stulbach), o homem perfeito. Um metrosexual que mora em uma cobertura maravilhosa em frente ao mar de Copacabana. André oferece, então, Tatiana a Rodrigo Santoro e se entrega a todas as mulheres, esbaldando-se em sua fase de solteiro.

Livia é constantemente tomada pelo clichê do homem perfeito. Que sabe cozinhar, canta e toca violão, gosta de conversar e tem uma vasta cultura sobre tudo. Depois que abandona André ela conhece Jonas (Dan Stulbach), e é com ele que ela se envolve, para o desespero do anterior companheiro. O Jonas é o homem perfeito, romântico, um ótimo ouvinte, e principalmente, ele representa o querer da alma feminina, o molde mais completo. Mas de repente ela descobre que ele não sabe andar de bicicleta, e o romance perfeito cai por terra, porque nem o que mais chegou perto da impecabilidade se ajustou a suas exigências.

Numa noite em que vai ao cinema sozinho, o psicanalista conhece Sophia (Leticia Spiller), uma mulher despojada, sincera. Nessa mesma noite, os dois se entregam à paixão, mas não sem receio. Ao ver um anúncio que mede a compatibilidade entre casais, ela insiste em fazer o teste. Apesar de o resultado dar negativo, os dois decidem ficar juntos e constroem uma família com o nascimento de Maria (Maria Alice Martins / Gabriela Carius). Alguns anos depois, o casamento chega ao fim. André, contudo, reaprende a amar e entender o feminino através da relação com sua filha. O afeto que ele sente por ela dá a ele um novo contorno a sua experiência com as mulheres.

Deste modo podemos perceber que agora, o diretor busca dissociar-se ainda mais da narrativa formal e linear. O peso industrial neste caso tende a transformar tudo em uma leitura anódina, ou seja, de pouca importância, que nada altera na vida das pessoas. Sendo assim é necessário compreender os resultados sociais e políticos dessa massificação, que Adorno

estabelecerá como *indústria cultural*. A expansão do que é exclusivo é dado através da reprodução, que irá romper com as restrições de certos ciclos ou grupos sociais. Tendo em vista que essas técnicas disseminadas não separam o objeto reproduzido da esfera da tradição, apenas transformam um evento único num fenômeno de massas.

Portanto, a *indústria cultural* pode ser definida como “conjunto de meios de comunicação como, o cinema o rádio, a televisão, os jornais e as revistas, que formam um sistema poderoso para gerar lucros e por serem mais acessíveis às massas, exercem um tipo de manipulação e controle social, ou seja, ela não só edifica a mercantilização da cultura, como também é legitimada pela demanda desses produtos.”<sup>9</sup>.

O diretor expressa o que entende por televisão no trecho retirado de uma entrevista concedida à Folha de São Paulo, na época em que estava sofrendo intensas críticas.

(...) Pertenço ao grupo daqueles que acreditam que o público não é burro, mas doutrinado debaixo de um cabresto de linguagem. Luto contra isso. Sabendo da dimensão que a televisão alcança no Brasil, tratá-la apenas como diversão me parece bastante contestável. Precisamos de diversão, mas também precisamos orientar e entender o mundo (...) <sup>10</sup>

Para compreender melhor o desdobramento desse processo de massificação de conceitos, especificamente os usos e os abusos que as artes pop fizeram da psicanálise e da psiquiatria será estabelecido relações entre a referida microssérie com outros dispositivos, como filme e quadrinho. A biografia em quadrinhos de Freud, de Corinne Maier e Anne Simon, com os traços inspirados na Viena dos anos 1920 procura mostrar momentos da vida privada de Freud e como de certa forma houve nesses momentos mais íntimos uma auto-análise, com ênfase em suas descobertas este pretende ser um registro leve e bem-humorado.

A partir do momento que o quadrinho é capaz de colocar a disposição visualmente os acontecimentos, oferecendo ao leitor uma melhor noção detalhada da biografia ou da psicanálise, percebe-se a interação entre os códigos verbal e não-verbal, mas sempre com o domínio de desenhos e figuras, e através da precisão dos traços revelam-se os sentimentos humanos, reconhecidos pelos leitores, ou seja, os recursos gráficos, sonoros, semânticos ou estilísticos, às vezes como comportamentos estereotipados ou não.

---

9 PALHETA, Arlene Nazaré Amaral Alves. MENDES, Ana Maria Pires, LOUREIRO, Ari de Sousa. *Indústria Cultural: revisando Adorno e Horkheimer*. Movendo Idéias, Belém, v8, n.13, p.13-22, jun 2003. PP. 16

10 <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1006200712.htm>

É possível detectar elementos na narrativa que apresentam um grande diferencial nesta obra sobre Freud, o narrador é o próprio pai da psicanálise, que conforme as páginas vão sendo viradas ele vai contando sua história, os personagens são familiares, pacientes e psicanalistas discípulos e tanta ação, tempo e espaço se prestam a recursos expressivos de humor. O humor e a ironia proporcionam a releitura do mundo a que a palavra referencia. O aparato gestual, as vezes explosivos com um ar de subversão, reitera a fala das personagens que participam da cena, unindo as duas linguagens.

Quando se relatam nos quadrinhos as peripécias de um personagem, é como se o leitor estivesse a ressignificar o mundo mediante a palavra que o fixa e a imagem que o retrata. Sua linguagem constituída por desenhos, figuras, e legendas de ordem seqüencial compõe um gênero singular, que na maioria das vezes proporcionou uma a realização de uma necessidade rápida de comunicação e também serviu para intervir e analisar os valores éticos e morais de maneira leve e inconseqüente, mas que se mostra de grande apreço como ferramenta crítica à política e os costumes.

Tais considerações mencionadas acima nos instiga a compreender melhor a relação entre texto e imagem, podendo ser estes uma fonte de atrativos para imaginação, além das histórias pertencerem a uma linguagem artística e de comunicação social pode nos auxiliar a entender a diversidade de interpretações de temas como a própria psicanálise, assim como a biografia de Sigmund Freud e seu meio social.

Já o guia de Richard Appignanesi e Oscar Zarate intitulado Entendendo Freud: uma história ilustrada do pai da Psicanálise, esclarece os elementos da descoberta da psicanálise, irreverente e humorístico se propõe a narrar a vida e as ideias de Freud, desde sua educação na Viena do século XIX, sua carreira médica inicial, até a evolução gradual de suas teorias sobre o inconsciente, sonhos e sexualidade. Richard Appignanesi canadense e doutor em história da arte juntamente com Oscar Zarate argentino diretor de arte e ilustrador, deu origem a um quadrinho agradável, que oferece informações úteis e objetivas acerca da psicanálise e seu criador. A narrativa nos apresenta espaços e diálogos profícuos, que nos arremessa para dentro de Viena, famosa por sua sensualidade, mas com um lado sombrio, de pobreza e antissemitismo. Foi justamente nesse caldo cultural que Freud deu inicio a sua teoria, um estudo da mente e do comportamento humano e também um modo terapêutico diferenciado.

Tanto a vida particular de Freud, como sua teoria e seus casos psiquiátricos são tratados neste guia. A começar pelo inconsciente podemos perceber a sua chegada aos desejos, impulsos ou

vontades reprimidas, visto que não estava interessado apenas na mente doentia, mas nas profundidades ocultas que não estão normalmente abertas à inspeção. Uma estrutura de conceitos freudianos é lançada para o leitor com imagens provocantes, no sentido de desencadear a imaginação sobre o que haveria dentro da mente do próprio Freud, e isso é um fator positivo do quadrinho, pois a partir do momento em que nos são oferecidas as imagens, a necessidade de fantasiar em parte diminui.

Em 1823 Freud sugeriu um novo modelo dinâmico da mente, o *id*, *ego* e *superego*. *Id* seria a base primitiva, inconsciente da psique dominada por impulsos primários. A psique de um recém nascido, por exemplo, é basicamente o *id*. Enquanto que o *Ego* indica desenvolvimento da estrutura pulsional da libido como boca e órgão genitais. É a consciência de si e a atividade corporal, juntas. É o guia da realidade, mas assim como é voltado para o externo, atua também como entidade inibitória, este é outro aspecto voltado para o interior e funciona inconscientemente. E por fim o *Superego* não é só consciência. A medida em que os impulsos são reprimidos e desaparecem, seus lugares são ocupados pelo superego. Este é a autoridade externa introjetada. É o resultado de um esforço defensivo, que proíbe a expressão dos desejos. Deste modo podemos perceber que Freud virou de cabeça para baixo a visão de moralidade e consciência do que antes indicava o termo “civilização”. Sendo assim tem-se a busca pela relação de uma produção quadrinhística a um determinado período histórico, que engloba a análise de conjuntura, levantamento de publicações, documentação e recuperação da memória de Freud.

O pai da psicanálise também enfrentou conflitos dentro do movimento psicanalítico. As controvérsias levaram a rupturas entre Freud e seus primeiros seguidores, consideremos o rompimento mais famoso de todos: entre Freud e Jung. Através do filme *Um método perigoso*, de David Cronenberg, diretor, ator e roteirista canadense, que nos apresenta a relação tensa entre Carl Jung e Sigmund Freud, e entre terapeuta e paciente, iremos compreender a apropriação de Freud pelo Jung, e essa relação paternal que se constitui com a mesma voracidade com que foi desfeita. O jovem psicanalista Carl Gustav Jung (Michael Fassbender) começa um tratamento inovador na histérica Sabina Spielrein (Keira Knightley), aliás ele foi o primeiro a testar os métodos psicanalíticos de Freud em doenças mais graves que neuroses, e sob influência de seu mestre e futuro colega, Sigmund Freud (Viggo Mortensen) dá início ao tratamento. Disposto a penetrar mais a fundo nos mistérios da mente humana, Jung verá algumas de suas ideias se chocarem com as teorias de Freud ao mesmo tempo em que se entrega a um romance alucinante e perigoso com a bela e jovem Sabina.

No filme Jung de fato coloca em prática a cura pela fala, mas não somente pela fala, o romance que tem com Sabina a cura. Assim que a moça é internada na clínica onde trabalha ele percebe um diferencial, ela desenvolveu durante sua vida essa suposta loucura pela qual teve que ser isolada. Durante as sessões de tratamento ele percebe seu descontrole sempre que vê movimentos bruscos, e então aos poucos ela revela o seu prazer quando criança ao apanhar do pai e receber ameaças dos irmãos, pois, isso bastava para que ficasse excitada. Este caso uniu Freud e Jung, pois Sabina era um exemplo clássico da teoria de Freud, era na verdade a sua confirmação. Então durante algum tempo trocaram cartas, até que Jung foi visitar Freud para lhe contar pessoalmente sobre o tratamento e as descobertas que fizera. Antes de ser internada a bela moça tinha o desejo de estudar medicina e conforme o tratamento foi progredindo, Jung a encorajou para aprender o ofício. Desde então Sabina se tornara paciente e auxiliar de Jung, e esta proximidade a fez desenvolver um desejo incontrolável por ele, e ainda que sua moralidade não o permitia cometer aquele desvio, ainda sim o seu instinto foi maior e prevaleceu.

A moça era especial, e respirar enquanto seus sentidos são submetidos à uma espécie de cárcere privado não seria bom, e Jung percebeu que isso causaria tristeza e frustração, como se faltasse algo, de qualquer maneira uma válvula de escape para seu casamento o ajudaria a conter esta repulsa de si mesmo. Desejos requer satisfação e neste caso ambos se elegeram representantes e detentores desta possível realização. O discípulo de Freud pode constatar também que Sabina era apenas um caso, existiam outros que não se enquadravam na teoria freudiana.

Jung então passou a reconhecer seus sentimentos confusos com relação a Freud, o desconforto das insinuações eróticas provocava uma sensação abominável, e diferentemente de seu mestre que avançava sempre rumo a individualidade e toda análise desembocava no mesmo lugar, ou seja, na sexualidade, ele conseguiu ver através das imagens primordiais, ou melhor, dos “arquetipos”<sup>11</sup> conteúdos que definiu como “inconsciente coletivo”<sup>12</sup>.

Depois de seu rompimento com Freud decidiu também dar fim ao relacionamento com Sabina, pois o principio do prazer pode entrar em conflito facilmente com as atividades da

---

11 Carl Gustav Jung, *Memórias, sonhos e reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006, p. 484. O campo empírico em que o conceito de arquétipo se baseia consiste na observação reiterada de que os mitos e os contos da literatura universal encerram temas bem definidos e recorrentes, que reaparecem sempre e por toda parte, ainda que com significantes específicos e diferentes entonações, de acordo com as tradições culturais e o momento histórico em que são produzidos.

12 O inconsciente coletivo é a camada mais profunda da psique, diferentemente do inconsciente pessoal, este formado pelos conteúdos recalçados ou reprimidos pelo sujeito. O inconsciente coletivo, espaço onde se encontram as tendências instintivas do gênero humano, não é constituído de conteúdos individuais, mas de conteúdos que são universais e que aparecem regularmente, sob formas particulares, dependendo da configuração de cada contexto cultural e histórico. Idem, *Ibidem*, p. 488.

consciência, que estão preocupadas em evitar o perigo, adaptando-se a realidade do comportamento civilizado. Após o término com sua paciente Jung preferiu cortar todo tipo de contato que poderia haver entre eles. Sabina se formou em Psiquiatria, se especializando na área infantil, casou-se e estava a espera de um filho, e decidiu visitá-lo pela última vez.

Neste encontro Jung estava bem insatisfeito, se sentindo mal e sempre calado. Sua esposa Emma Rauschenbach Jung (Sarah Gadon) pede a Sabina que converse com ele, mesmo sabendo do caso que tiveram no passado, então ele revela a ela que a tem como o verdadeiro amor de sua vida.

A aproximação de Sabina com Freud deu-se depois que graduou na faculdade de medicina, mas no início da década de 1920, Sabina retornou a sua cidade natal na Rússia. “Enquanto Freud e Jung permitiram que seus impulsos destrutivos os afastassem um do outro, Spielrein defendeu até o fim o impulso criativo que, ela esperava, uniria os dois em um empreendimento comum”.<sup>13</sup>

De certo modo todos os dispositivos midiáticos tratados aqui estabeleceram um novo real sobre Freud, que inventou a psicanálise e enfrentou seus próprios medos para adquirir autoconsciência, que desnorteou todo um imaginário cheio de certezas e perturbou o sono do mundo. Um gigante dentro de cada indivíduo acordou e a imagem da cultura e do sujeito sobre ela não foi mais a mesma, o inconsciente como um estopim da realidade antes não formulada introduziu nas ciências humanas particularidades notáveis, impossíveis de serem notadas por aqueles que permaneceram na superfície, temos com Freud a complexidade da presença humana no mundo.

---

13 <http://revistaepoca.globo.com/Mente-aberta/noticia/2012/03/paciente-discipula-e-amante.html>

**REFERENCIAS:**

- APPIGNANESI, Richard. Entendendo Freud: um guia ilustrado. São Paulo: Leya, 2012.
- Minissérie: CARVALHO, Luiz Fernando (dir.). Afinal, o que querem as mulheres?, Brasil, 2011, 3 vols.
- CRONENBERG, David (dir.). Um método perigoso. Distribuição Imagem Filmes, 2011.
- História em Quadrinhos: MAIER, Corinne. Freud: uma biografia em quadrinhos. São Paulo: Quadrinhos na Cia., 2012.
- FREUD, Sigmund. O mal-estar na cultura. Porto Alegre: L&PM Editores, 2010.
- Carl Gustav Jung, Memórias, sonhos e reflexões. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- PALHETA, Arlene Nazaré Amaral Alves. MENDES, Ana Maria Pires, LOUREIRO, Ari de Sousa. Indústria Cultural: revisando Adorno e Horkheimer. Movendo Idéias, Belém, v8, n.13, p.13-22, jun 2003. PP. 16
- KOSELLECK, Reinhart. Futuro passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.
- <http://www.esamcuberlandia.com.br/RevistaIdea2/artigos/2010v1n2art03.pdf>
- <http://revistaepoca.globo.com/Mente-aberta/noticia/2012/03/paciente-discipula-e-amante.html>
- <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1006200712.htm>